

Edição de Esportes

jornal da tarde

SUPLIMENTO DO JORNAL DA TARDE/SÃO PAULO, SEGUNDA-FEIRA, 14 DE DEZEMBRO DE 1992/NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

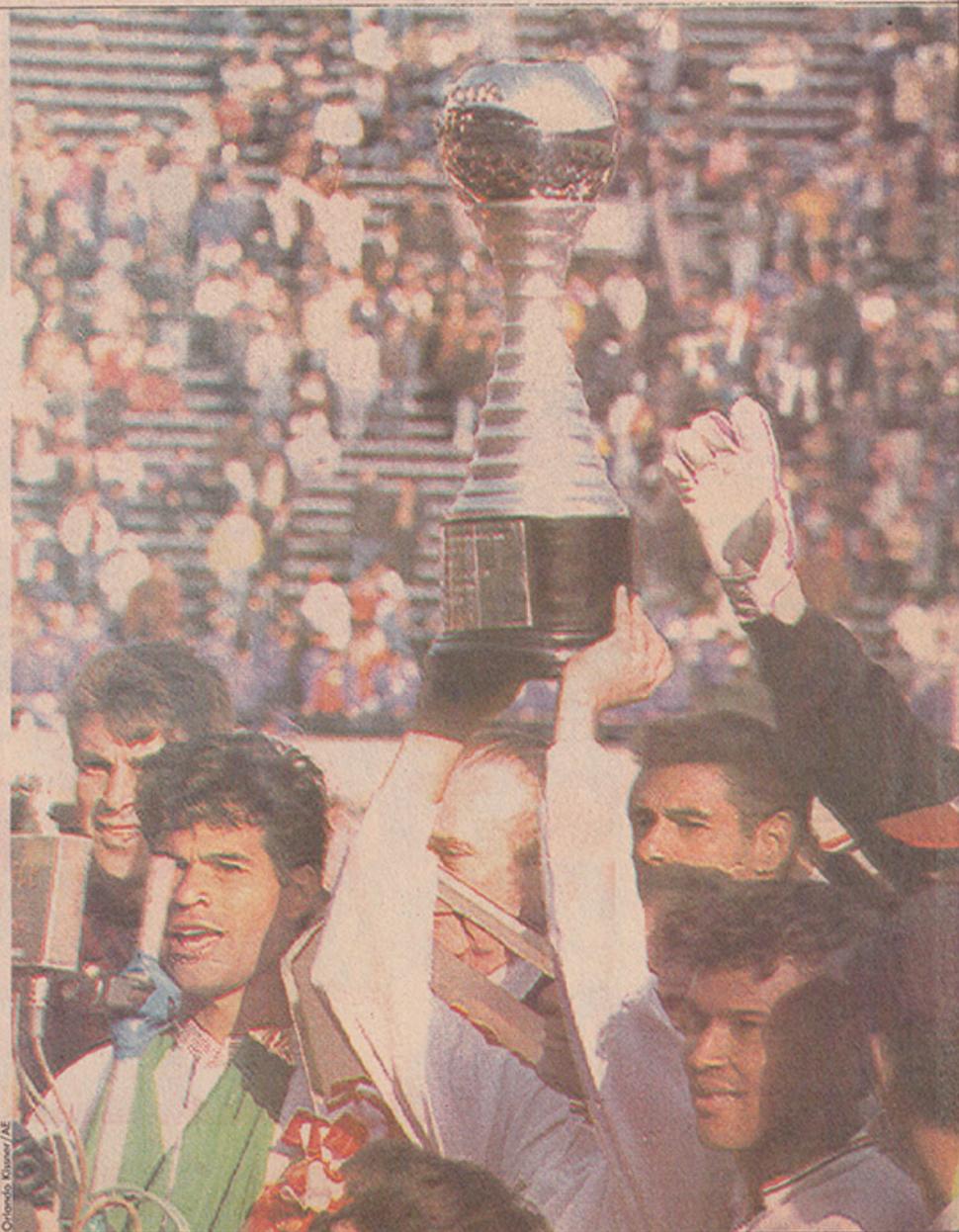
O MELHOR DO MUNDO

Com gols de Raí, grandes atuações de Müller e Ronaldo e uma lição de Telê Santana, o São Paulo venceu de virada (2 a 1) o Barcelona e conquistou o título de maior prestígio em sua história: campeão mundial interclubes. Foi uma exibição de futebol de primeira qualidade entre os campeões da América e da Europa, em que prevaleceu o estilo

Os títulos	
PAULISTA	1943 1945 1946 1948 1949 1953 1957 1970 1971 1975 1980 1981 1985 1987 1989 1991
BRASILEIRO	1977 1986 1991
TAÇA LIBERTADORES	1992
MUNDIAL INTERCLUBES	1992
TORNEIOS INTERNACIONAIS	1955 — Jarrito (MEX) 1955 — Pequena Taça (VEN) 1960 — Guadalajara (MEX) 1963 — Pequena Taça (VEN) 1964 — Florença (ITA) 1969 — Huelva (ESP) 1992 — Teresa Herrera (ESP) 1992 — Ramon de Carranza (ESP) 1992 — Ciudad de Barcelona (ESP)



brasileiro, como reconheceu o técnico Johann Cruyff, do Barcelona. Depois de encantar Tóquio, o capitão e artilheiro Raí deve deixar o São Paulo: quatro equipes européias disputam seu futebol. A festa são-paulina, que varou a madrugada do domingo em vários pontos da cidade, continua amanhã, com a chegada da equipe, às 6h50, em Cumbica.



VITÓRIA



SUADA.

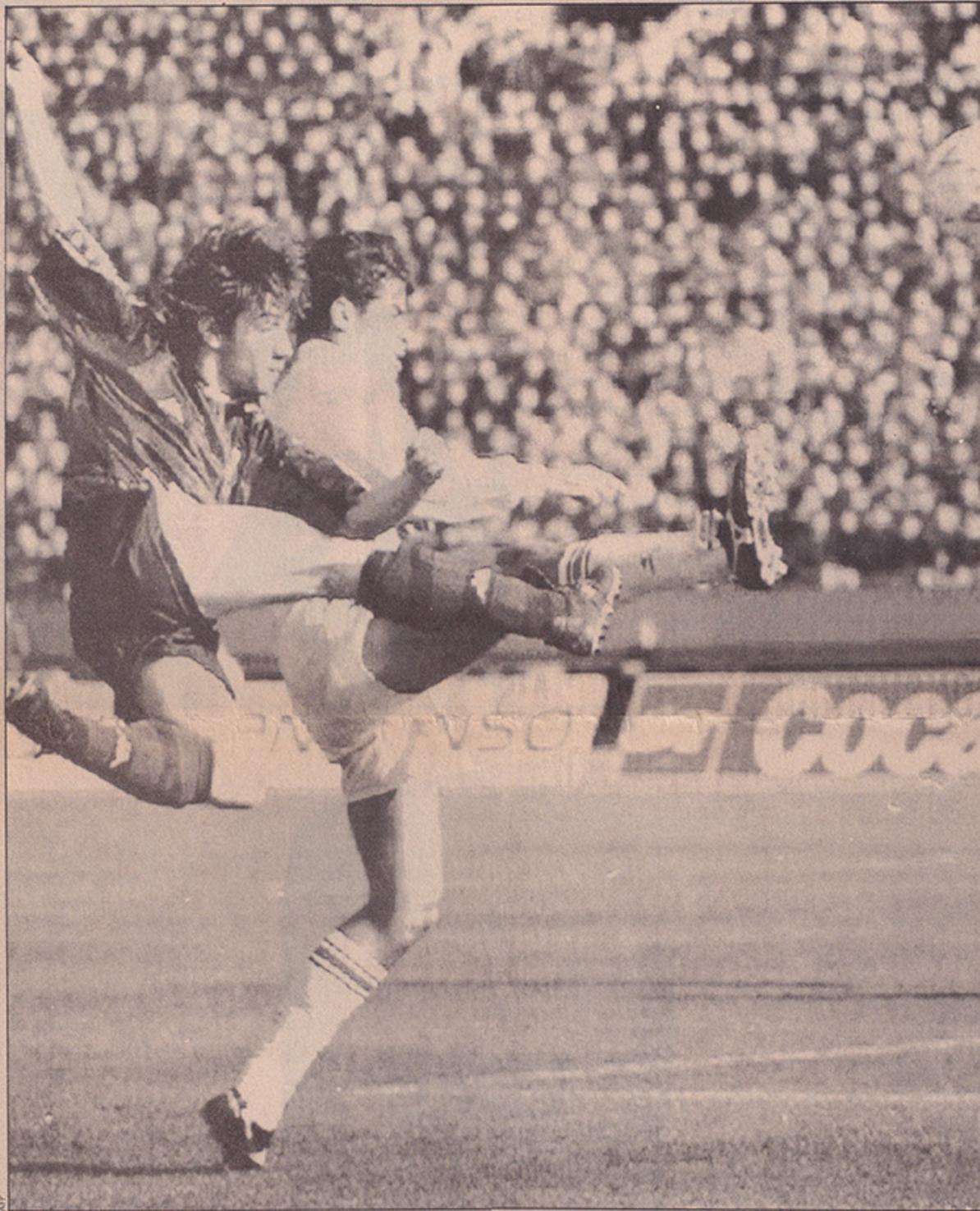
O São Paulo, representando o Brasil, foi até o Japão para provar que é o melhor do mundo. Parabéns ao tricolor. E parabéns a você, que só tem que andar até o balcão para tomar a grande cerveja.



Graaaande cerveja.

DECIDIR, A SINA DÉ RAÍ.

FOI BEM MARCADO. MAS DEFINIU O JOGO E ESTÁ DEIXANDO O SÃO PAULO.



Bakero e Raí, um duelo que acabou vencido pelo brasileiro.

Dois gols, um abraço emocionado em Telê e uma dedicatória à geração de 82. Essa foi a assinatura de Raí no dia em que o São Paulo tornou-se campeão mundial de clubes. De Tóquio, o capitão leva, além do título inédito, uma proposta do Olympique de Marselha. Segundo seu irmão e procurador Sóstenes, o clube está oferecendo US\$ 2,3 milhões.

Os franceses querem levar o jogador que revirou a capital japonesa. Durante a semana, Raí viveu de dar autógrafos e entrevistas a dezenas de japoneses. A paixão que despertou nos torcedores foi tão grande que o jogador resolveu iniciar sua tarde com um gesto diferente. Na entrada de Barcelona e São Paulo no Estádio Nacional, Raí puxou a fila empunhando a bandeira do Japão como se fosse um recruta da pátria.

Os japoneses, embasbacados, aplaudiram de pé. Raí percebeu e tratou de retribuir com o que de melhor sabe fazer: gols. O primeiro, disse o líder do time, foi obra de Müller. "Eu só completei. O cruzamento dele foi tão perfeito que de qualquer jeito que eu tocasse a bola entraria."

O segundo, não. O mentor da jogada foi Telê. O gol de falta aconteceu em cima de uma jogada que o técnico treina até dar calos nos pés dos jogadores. Raí marcou de falta e, em vez de socar o ar como registra sua marca, correu para abraçar Telê — um gesto que estava há muito tempo programado na sua memória.

— Confesso que tinha pensado antes do jogo em abraçá-lo caso fizesse um gol, por tudo que ele realizou na minha carreira e também por tudo que ele fez pelo futebol brasileiro. Independente de ter vencido ou não Copas do Mundo, em 82 ele mostrou o que é o trabalho dele, o futebol-arte, sempre objetivo, que assombrou o mundo e por uma injustiça não foi campeão. Ele hoje consegue ser campeão do mundo com méritos.

Raí estava concluindo quando se lembrou de mais uma dedicatória. "Não posso esquecer também da geração de 82, que não conseguiu ser campeã. Meu irmão (Sócrates) estava no meio dela; Zico, que está aqui agora, também. E o Toninho Cerezo, que lutou muito e agora consegue ser campeão do mundo. A todos eles dedico esse título."

**EU SÓ
COMPLETEI. O
CRUZAMENTO
DELE (MÜLLER)
FOI TÃO
PERFEITO QUE DE
QUALQUER
JEITO QUE EU
TOCASSE A
BOLA ENTRARIA.**

(Raí, sobre o primeiro gol.)

Depois das declarações, Raí foi saudado por uma multidão de garotos que queria seu autógrafo. As crianças estavam atrás de um enorme portão de ferro que separava a rua do estádio. O jogador, sem meio de entender a todos, tirou o agasalho do São Paulo e jogou à meninada. Cada um saiu com um pedacinho do uniforme que foi estrçalhado.

Raí confirmou que existem algumas propostas para jogar na França. Nada de oficial chegou à diretoria do clube. "Não quero pensar nessas coisas de transferência agora. Temos mais uma decisão pela frente. Só depois do jogo com o Palmeiras é que vou conversar sobre esse assunto."

Em Ribeirão Preto, porém, seu procurador e irmão Sóstenes afirmou que dificilmente o São Paulo conseguirá segurar seu maior ídolo. "Sinto que o jogo contra o Palmeiras será o último do Raí pelo clube", declarou, ainda comemorando a conquista de Raí. Segundo ele, Torino, da Itália, e Paris Saint-Germain, além do Olympique da França, também estariam interessados no jogador. Enquanto Juan Figer trabalha para levar Raí para o Real Madrid.

Mas a maior preocupação de Sóstenes está no próprio São Paulo, que poderia atrapalhar as negociações. "Ele terá de forçar uma situação, senão os dirigentes não o liberam", afirmou. Porém, de acordo com renovação do contrato, realizada no mês de setembro, uma cláusula obriga o São Paulo a liberar o jogador automaticamente quando houver um clube europeu interessado no passe. "A rescisão seria automática", diz Sóstenes, que deve manter contatos com os clubes do Exterior esta semana.

**Luiz Antônio Prósperi,
enviado especial.**

A festa, uma surpresa para os japoneses.

Os japoneses nunca tinham visto aquelas cenas num estádio. No final da partida, uma multidão invadiu o campo: era a torcida do São Paulo fazendo a festa, com o incentivo dos jogadores que os seguranças tentavam proteger.

A bagunça do time estava apenas começando. Dinho chorou. Cerezo xingou os espanhóis. Raí se enrolou numa bandeira do Brasil. Zico, Zé Sérgio, os veteranos que trabalham no futebol do Japão, invadiram o gramado para abraçar Telê.

Uma hora depois, todos estavam dentro do ônibus que os levaria ao Prince Tokio Hotel, onde a delegação está hospedada. Na chegada, mais corre. Raí, Cerezo e Zetti levaram um banho de cerveja e acabaram num improvisado sambas sob a supervisão de 50 torcedores embriagados.

No salão, Raí grudou num microfone e puxou o hino do São Paulo. Um coro de vozes

desafinadas o acompanhou. Cerezo amarrou na festa uma fita com o símbolo do Japão — um samurai de bigode e sotaque mineiro-italiano que infermizou a vida dos garçons quando resolveu, com a ajuda de Raí, dar um banho de champanhe nos companheiros que jantavam tranquilamente.

Depois, os atletas foram para a casa do embaixador do Brasil, Carlos Coutinho Peres. Na recepção apareceram embaixadores do Equador e da Venezuela, Ricardo Teixeira, presidente da CBF, José Roberto Wright e uma coleção de conselheiros do São Paulo. Os jogadores, encabulados, se acomodaram nos sofás. Às 21h, o embaixador mandou servir uma feijoada completa.

O São Paulo embarca hoje às 19h no aeroporto de Narita e chega amanhã às 6h50 em Cumbica. Ressaca, dor de cabeça e uma taça mundial acompanham o time. Na quarta-feira, todos seguem para o CT e iniciam a preparação ao último compromisso do ano: jogar com o Palmeiras na segunda partida do Campeonato Paulista de 92. (L.A.P.)

CEREZO INDIGNADO. E VINGADO.

Ele não perdeu Cruyff

Toninho Cerezo deixou o campo, depois do título, xingando muito, abertamente. Cruyff e os jogadores do Barcelona não sabem, mas Cerezo não perdeu ninguém. Acabou o jogo em Tóquio e o veterano de 37 anos pôs a boca no mundo. "Tomaram duas boletas. Usaram psicologia barata achando que o São Paulo era o La Coruña. Isso dá certo lá, não com a gente do Brasil".

A indignação era dirigida a Cruyff e à suposta superioridade do Barça. "Falaram muito e se esqueceram que futebol sempre se ganha dentro do campo. Fomos campeões merecidamente, o São Paulo jogou melhor".

Dentro do desabafo, Cerezo misturava italiano e português: "Sou contentíssimo, porque são meus últimos anos no futebol de uma carreira que comecei com Telê Santana. São 21 anos que luto e corro. Você pode ter um idêntico, colocando cinco quilômetros em cada partida que joguei em 20 anos, de quanto já não corri?"

Último moicano

O título antecipa o final da carreira do jogador oito vezes campeão mineiro. Na Itália, tem um scudetto e quatro Copas da Itália pela Sampdoria e uma Recopa pela Roma. "Estou feliz porque sou um dos últimos moicanos dessa geração e feliz pelo futebol brasileiro, porque trabalho no São Paulo com garotos e jovens do nosso futuro".

Cerezo passou uma semana difícil em Tóquio. Esteve ameaçado de não jogar a decisão do Mundial e só entrou em campo por perseverança e confiança do técnico Telê. "Sofri uma lesão na virilha e um estiramento no músculo. Vim me tratando e preparando com cuidado para jogar essas últimas partidas. Acho que o sacrifício valeu. Quando percebi que não dava mais, pedi para sair porque sabia que quem fosse entrar no meu lugar tinha condições de manter o ritmo do time".

Cerezo não sabe se agüenta o próximo jogo com o Palmeiras. A virilha e o músculo da perna esquerda estão incomodando cada vez mais. O prazo de recuperação também é curto. "Vou querer ganhar esse título também que falta na minha carreira. Vou fazer de tudo para jogar. Se não der, tenho certeza de que o time não sentirá tanta falta."

L.A.P.

Prêmio aumentado

CHEGANDO A CR\$ 120 MILHÕES

Cada jogador do São Paulo deve receber perto de Cr\$ 120 milhões pelo título mundial de clubes. Uma parte do prêmio será paga em Tóquio ainda hoje, em dólares. É parte da cota de US\$ 235 mil que o São Paulo recebeu pela participação no jogo do Japão. Os dirigentes são-paulinos haviam fixado a gratificação em US\$ 6 mil para cada jogador. Mas no entusiasmo das comemorações, vários deles admitiam ampliar o "bicho". O tesoureiro Márcio Aranha chegou a argumentar: "Vamos estudar direito esse assunto, porque esses garotos merecem".

Aranha conversou com o presidente do São Paulo, José Eduardo Mesquita Pimenta, e com outros dirigentes. Chegaram à conclusão de que seria válido estabelecer um prêmio acima de Cr\$ 100 milhões. Hoje, às 19 horas, a delegação embarca para o Brasil.

O preparador físico Moraci Sant'Anna recebeu muitos cumprimentos após a partida. Ele foi um dos grandes responsáveis pelo planejamento da viagem antecipada para Tóquio. "Funcionou tudo muito bem", concluiu Moraci.

Na sua opinião, o São Paulo enfrentará problemas ao retornar ao Brasil, por causa do fuso horário. Mas domingo o time poderá ter todo o seu potencial contra o Palmeiras: "Vamos recomendar as coisas com cuidado e logo todos estarão prontos".

A partida de domingo será a 84ª do São Paulo em 1992. Para Moraci, o time acabou tendo um rendimento acima da média. "Isso só é possível com planejamento", diz. No entanto, o próprio Telê poderá render-se à atração dos dólares. O Real Madrid está interessado em contratá-lo e o futebol japonês mostra vontade de tê-lo como mestre. "Vou pensar nisso", afirmou Telê. "Agora, me preocupa o título paulista."



Ano	Campeão	Vice
1960	Real Madrid (Espanha)	Peñarol (Uruguai)
1961	Peñarol (Uruguai)	Benfica (Portugal)
1962	Santos (Brasil)	Benfica (Portugal)
1963	Santos (Brasil)	Milan (Itália)
1964	Internazionale (Itália)	Independiente (Argentina)
1965	Internazionale (Itália)	Independiente (Argentina)
1966	Peñarol (Uruguai)	Real Madrid (Espanha)
1967	Racing Avellaneda (Argentina)	Celtic Glasgow (Escócia)
1968	Estudiantes (Argentina)	Manchester United (Inglaterra)
1969	Milan (Itália)	Estudiantes (Argentina)
1970	Feyenoord (Holanda)	Estudiantes (Argentina)
1971	Nacional (Uruguai)	Panathinaikos (Grécia)
1972	Ajax (Holanda)	Independiente (Argentina)
1973	Independiente (Argentina)	Juventus (Itália)
1974	Atlético de Madrid (Espanha)	Independiente (Argentina)
1975	Não foi disputado	
1976	Bayern de Munique (Alemanha)	Cruzeiro (Brasil)
1977	Boca Juniors (Argentina)	Borussia M. (Alemanha)
1978	Não foi disputado	
1979	Olimpia (Paraguai)	Malmö (Suécia)
1980*	Nacional (Uruguai)	Nottingham Forest (Inglaterra)
1981	Flamengo (Brasil)	Liverpool (Inglaterra)
1982	Peñarol (Uruguai)	Aston Villa (Inglaterra)
1983	Grêmio (Brasil)	Hamburgo (Alemanha)
1984	Independiente (Argentina)	Liverpool (Inglaterra)
1985	Juventus (Itália)	Argentinos Juniors (Argentina)
1986	River Plate (Argentina)	Steaua Bucarest (Romênia)
1987	Porto (Portugal)	Peñarol (Uruguai)
1988	Nacional (Uruguai)	PSV Eindhoven (Holanda)
1989	Milan (Itália)	Nacional (Colômbia)
1990	Milan (Itália)	Olimpia (Paraguai)
1991	Estrela Vermelha (Iugoslávia)	Colo Colo (Chile)
1992	São Paulo (Brasil)	Barcelona (Espanha)

* A partir deste ano o torneio passou a ser disputado em Tóquio, com apenas uma partida decisiva.

ITAMAR

O presidente e os políticos: elogios ao time e a Telê.

Nem o presidente da República em exercício Itamar Franco deixou de assistir à partida entre São Paulo e Barcelona. Itamar disse que vai cumprimentar a diretoria, a comissão técnica e os jogadores do São Paulo pela conquista do título mundial em Tóquio. Contou ainda que, por estar muito cansado devido aos problemas enfrentados nos últimos dias, conseguiu assistir somente ao primeiro tempo do jogo.

Descontraído ao retornar a Brasília — estava em Juiz de Fora desde quarta-feira, para os funerais da mãe —, o presidente chegou a lembrar que, mesmo torcedor do Atlético Mineiro, ficou com o Cruzeiro, em 76, quando a equipe de Minas conquistou o título de vice-campeão mundial, perdendo para o Bayern de Munique.

"Nas próximas horas o presidente Itamar Franco enviará uma mensagem a toda diretoria do São Paulo, cumprimentando-a pela brilhante conquista", afirmou o ministro-chefe da Casa Civil, Henrique Hargreaves, que foi até a Base Aérea receber o presidente, sábado.

A prefeita de São Paulo, Luíza Erundina, orgulhou-se com a vitória do São Paulo. Segundo comentou, a conquista da equipe paulista reafirmou a vocação histórica de grandes acontecimentos culturais e esportivos da cidade. "O São Paulo provou, com esse título, que só o trabalho sério, metódico e competente é capaz de levar nosso esporte a grandes conquistas internacionais", disse Erundina.

A prefeita revelou que o prefeito de Barcelona, Pasqual Maragall, escreveu uma carta a ela afirmando que, qualquer que fosse o resultado, "nossas cidades-irmãs sairiam ainda mais unidas dessa disputa".

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente nacional do PT, apesar de corintiano e vascaíno, comoveu-se com a conquista do São Paulo. Ficou feliz principalmente pela glória do técnico Telê Santana: "Vibre por causa

O SÃO PAULO PROVOU QUE SÓ O TRABALHO SÉRIO, METÓDICO E COMPETENTE É CAPAZ DE LEVAR NOSSO ESPORTE A GRANDES CONQUISTAS INTERNACIONAIS.

(Luíza Erundina)

dele. Gosto de gente assim, gente de caráter, que acredita no que faz e nunca entrega os pontos. Eu sonho com um país repleto de cidadãos como Telê Santana", explica Lula.

Lula ainda lembrou sobre a dificuldade de vencer uma equipe como a dirigida por Johann Cruyff: "O Barcelona parecia uma Seleção da ONU, de tantos estrangeiros que tinha. A vitória da caboclada de Telê foi de lavar a alma brasileira, tão machucada ultimamente".

Torcedor do São Paulo desde 1943, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Sydney Sanches, afirmou ontem que mais uma vez o futebol brasileiro traz mais alegrias ao povo do que as outras áreas "não esportivas". Nervoso antes da partida, o ministro garante que só ficou tranquilo depois do segundo gol do Raí, por volta das 2h30 da manhã. "Foi uma bonita vitória do São Paulo e do Brasil".

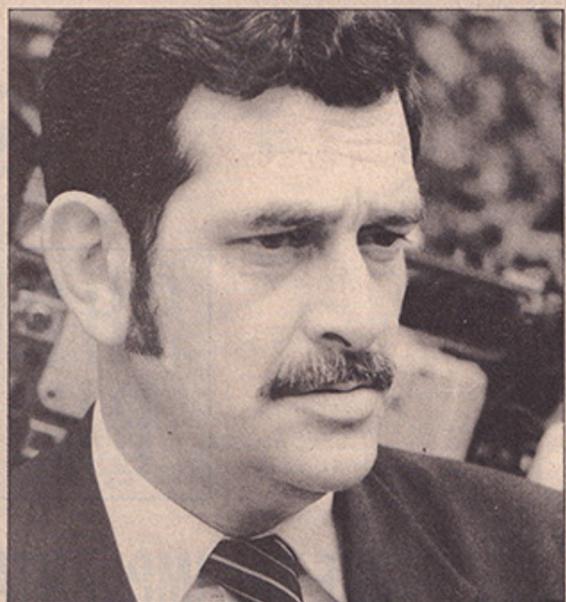
O presidente do Supremo reconheceu que o gol do Barcelona, da Espanha, foi "uma maravilha" mas ponderou, ao mesmo tempo, que o time brasileiro conseguiu uma vitória importante, que deveria servir para reativar o futebol no Brasil.

O presidente da Portuguesa, Arnaldo Faria de Sá, indicado à Secretaria de Esportes pelo futuro prefeito, Paulo Maluf, disse que uma vitória como essa entusiasmará todos os esportistas e os "potenciais atletas de fim-de-semana da nossa várzea". "Na nossa administração, vamos dar total atenção a esses atletas. Um título mundial favorece o futebol nacional no seu todo. Torci muito pelo São Paulo", comentou.



VIBREI POR CAUSA DELE. GOSTO DE GENTE ASSIM, GENTE DE CARÁTER, QUE ACREDITA NO QUE FAZ E NUNCA ENTREGA OS PONTOS. EU SONHO COM UM PAÍS REPLETO DE CIDADÃOS COMO TELÊ SANTANA.

(Luiz Inácio Lula da Silva)



NA NOSSA ADMINISTRAÇÃO, VAMOS DAR TOTAL ATENÇÃO AOS ATLETAS DA VÁRZEA. UM TÍTULO NACIONAL FAVORECE O FUTEBOL MUITO PELO SÃO PAULO.

(Arnaldo Faria de Sá)

Tudo pelo bem do futebol

É TELÊ SANTANA, FALANDO DE SUA PAIXÃO E DOS TÍTULOS.

Telê conseguiu. Foram dez anos de espera. Desde 5 de julho de 1982, na Espanha, havia alguma coisa para provar. Naquele dia, a sua Seleção Brasileira deixava a cidade de Barcelona como a primeira maravilha do mundo, mas sem o título. As pedradas que foram atiradas, então, quase encerraram sua carreira. A reconstrução lenta e segura, como era seu andar de menino nas ruas de Itabirito e São João Del Rey, foi colocando na prateleira de sua casa as taças de campeão paulista, brasileiro e sul-americano.

De Tóquio, Telê manda avisar que o espaço na prateleira tem de aumentar um bocadinho. Amanhã, desembarca em Cumbica carregando mais uma. Dessa vez bem mais pesada. Para quem duvida, um recado: Telê Santana é, sim, campeão do mundo. Seu caminho é o caminho que o futebol brasileiro irá seguir. Acompanhe o seu depoimento ao **Jornal da Tarde** quando ainda estava no gramado do estádio Nacional de Tóquio:

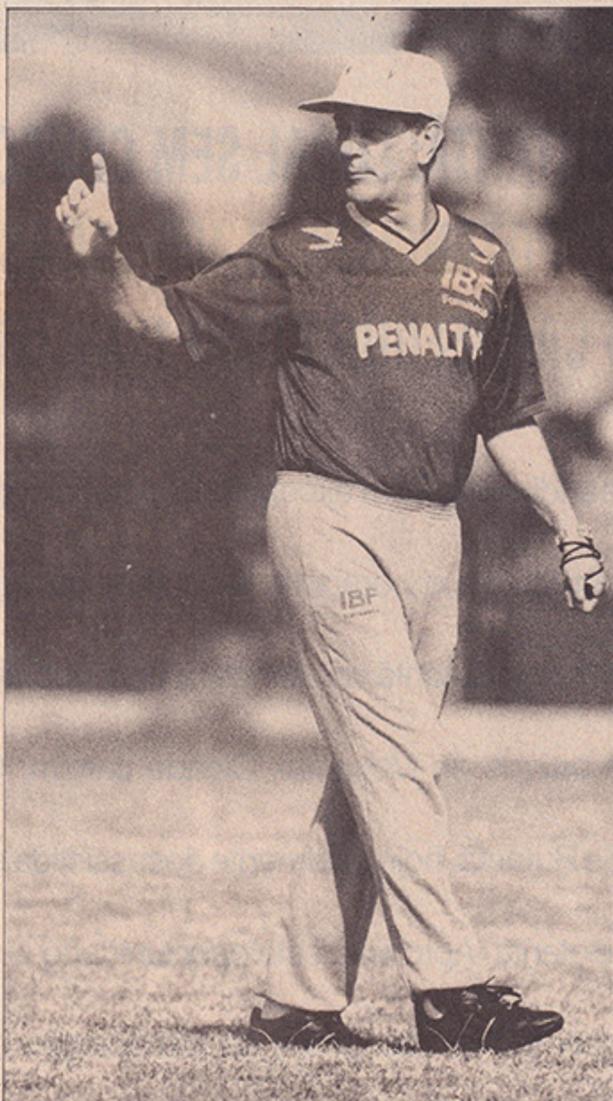
"É uma sensação que a gente não tem como definir num momento como esse. Começamos perdendo. No segundo tempo o time foi impecável. Não demos chances ao adversário. Fomos criando situações até chegar no final com aquele belíssimo gol que decidi a Copa."

Aquele momento, do Raí me abraçando, é de um agradecimento. Tenho certeza, por termos treinado tantas vezes essas faltas. Eu sempre venho dizendo: olha, o dia que você fizer isso bem, vai fazer o gol. Quis o destino que fosse no dia mais importante das nossas carreiras.

Chorar eu não chorei. É difícil chorar. Chorar eu choro só com coisas tristes, com as alegres eu só sorrio. Todos aqueles que trabalharam, que cooperaram conosco e, principalmente, os jogadores merecem esse título. É um time que não dá trabalho, não temos indisciplina, todos se comportam bem, há uma união muito grande. Ainda no intervalo, eu dizia: eles podem ter tudo o que nós temos, mas tem uma coisa que eles não têm mais do que nós, que é a união e tenho certeza de que vamos ganhar com essa união.

Bola na risca. E o pé salvador de Ronaldo Luís.

Há quem considere dele o terceiro gol do São Paulo que não aconteceu. Aos 44 do primeiro tempo, o jogo estava 1 a 1. Begiristain saiu driblando todo mundo — até Zetti — e, quando ia marcar, surgiu o pé salvador para tirar a bola na risca do gol. Era o milagre de Ronaldo Luís.



Telê Santana, em seus melhores dias desde 1982.

Títulos, sempre se está sonhando com um e, principalmente, com um título como esse. A vida toda a gente sonha com a oportunidade que temos para chegar. As duas vezes em que estive para chegar a um foram com as duas Copas do Mundo e agora com essa decisão entre clubes. Duas não foram possíveis.

Tristeza tenho de 82, mas con-

O primeiro tempo terminou em seguida e o time inteiro procurou Ronaldo Luís para um abraço: "Rapaz, eu pensei que tinha feito uma coisa normal. Na minha cabeça foi tudo normal. No intervalo do jogo vi que foi importante, porque até o presidente Pimentel veio me cumprimentar."

Quem mais agradeceu foi o goleiro Zetti. "Sabe o que ele me disse? Ele não quis nem olhar para trás e quando viu

que não tinha ninguém vibrando, deu graças a Deus", contou Ronaldo.

O lateral do São Paulo lembra que isso aconteceu antes, numa partida do América Mineiro. "Lembra do Jairão? Então: um cara do Uberaba tirou 'ele' da jogada e tocou para o gol. Quando percebi que o Jairo estava fora, corri e tirei a bola da risca", conta.

Ronaldo Luís está há um ano no São Paulo. Durante

que queriam fazer também um bom futebol. Infelizmente, temos pouca gente nos acompanhando. A prova está aí: quem anda direito e quem procura fazer as coisas certas, principalmente procurando o bem para o futebol, leva vantagem. Por isso o São Paulo tem conquistado muitos títulos.

Muita gente falava que eu não tinha sorte porque disputei duas Copas e perdi as duas. Ficou a pecha de sujeito sem sorte. Sempre procurei dar o máximo ao futebol. Todo time que dirigi procurou dar espetáculo para o público, é isso que é futebol. Foi assim que fui conquistando os títulos. Não acho que sou um homem sem sorte, acredito que sempre tive sorte, mesmo quando era jogador.

Seleção, não.

Não quero saber de Seleção. Nem é ético ficar falando nisso, tem o outro lá trabalhando. Vamos deixar ele trabalhar. Seleção é um sofrimento desgraçado. Sofre todo mundo, a gente, a família e os amigos. Tenho uma queixa daquela época, com o negócio da gratificação. Fomos até o jogo contra a Itália sem ter acertado as gratificações. Perguntava aos jogadores se estava tudo certo e eles não sabiam de nada. Aquilo deixou os jogadores preocupados.

São coisas como essa que me entristecem. Esse negócio de ganhar jogo de qualquer jeito também me entristece. Me dizem que falo assim hoje, de ganhar o jogo sem mandar dar pontapé, porra, porque sou independente. Não é verdade, desde 69, quando iniciei minha carreira de técnico no Fluminense, sou assim. Fui campeão e depois me desentendi com um dirigente que pensava diferente e fui embora. O técnico que assumiu pegou o time que montei e foi campeão. Então não é de hoje que falo que o futebol é para ser jogado e não catimbar e dar porrada.

Agora não sei o que vou fazer, se vou parar ou não. Vou esperar o jogo com o Palmeiras e raciocinar com a cabeça mais fria. Minha cabeça está voltada para essa decisão. Temos interesse de conseguir os dois títulos. Depois vou ver o que fazer." (L.A.P.)

seis meses ficou de fora do time, primeiro por um entorse no joelho, depois, fratura no pé direito. "Sofri muito, mas coloquei na minha cabeça que, se estou no São Paulo, é porque tenho condições. Voltei ao time e estou aí, campeão do mundo". O passe do Ronaldo Luís é do América Mineiro e, antes dos problemas que enfrentou machucando o joelho e o pé, estava avaliado em US\$ 300 mil. (L.A.P.)

PARREIRA

Para o técnico, a imagem do brasileiro está resgatada.

O técnico da Seleção Brasileira, Carlos Alberto Parreira, aproveitou a vitória do São Paulo para concluir que "a imagem do futebol brasileiro foi resgatada na Europa". Parreira ainda disse que uma vitória como essa, no final de um bom ano para a Seleção Brasileira, é muito importante para o futebol do país.

Capitão da Seleção campeã da Copa de 70, Carlos Alberto Torres aponta o meia Raí como responsável pela vitória do São Paulo no Mundial Interclubes: "A Seleção Brasileira hoje é formada por Raí e mais dez, como sempre diz Carlos Alberto Parreira. Nada mais justo que essa vitória viesse por intermédio do São Paulo, sem dúvida a melhor equipe do País hoje e que é dirigida por um grande técnico".

Para Dener, da Portuguesa, o mais interessante da partida foi ver os arrogantes jogadores do Barcelona perderem: "O Cruyff ficou falando demais. Todos os jogadores do Barcelona ficaram comentando que iam ser campeões. Foi bom o São Paulo vencer."

Longe do Brasil e de Tóquio, o atleta Zequinha Barbosa, que mora nos Estados Unidos, assistiu à partida e ficou orgulhoso com a conquista da equipe brasileira: "Eu recebo a revista *Veja* toda semana e só leio desgraça sobre o Brasil. É escândalo de Cólcor e de Quêrcia; é massacre na Casa de Detenção e rebelião na Febem. O esporte e a cultura são as únicas coisas que ainda trazem momentos bonitos para o país", comentou.

A equipe do São Paulo desembarca amanhã, às 6h50, no Aeroporto Internacional de Cumbica. A diretoria do clube organizará uma carreta com trio-elétrico para os jogadores campeões. A saída do aeroporto será às 8 horas, com destino ao estádio do Morumbi.



Cruyff, resignado.

Sem desculpas CRUYFF SÓ ELOGIA

Por essa Johann Cruyff não esperava. Chegou arrogante a Tóquio, falou que seu time venceria o jogo e que o futebol brasileiro não era mais o mesmo. Saiu da capital japonesa chorando, reconhecendo o valor do São Paulo e afirmando que os jogadores do Brasil continuam bem e com muita técnica.

Cruyff não quis arrumar uma desculpa para justificar o fracasso: "Não há desculpa pela derrota". Reclamou muito do clima e do horário do jogo. "O clima seco nos prejudicou, não estamos acostumados a jogar nessas condições. Não uso isso como desculpa, o São Paulo tem uma boa equipe, bons jogadores e soube marcar os gols."

O técnico holandês gostou do seu time apenas no primeiro tempo. "Tivemos dez minutos de muito bom futebol, controlamos a partida até a interme-diária, fizemos um gol e poderíamos ter feito mais. Depois, não soubemos jogar em profundidade e isso nos atrapalhou muito."

Mas o técnico holandês do Barcelona não acha que seu time tenha cometido erros. "Na Holanda, costumamos dizer que, se vamos nos chocar contra um outro carro, que seja com uma Ferrari, um carro de melhor qualidade. Em outras palavras, não acredito que tenhamos errado".

A despedida de 92 deixa uma certa tristeza no treinador. "Não era assim que queríamos despedir deste ano, que foi muito bom para o futebol espanhol. Vencemos a Copa dos Campeões da Europa depois de muito tempo e poderíamos ter saído daqui com um melhor resultado. Não conseguimos, paciência." (L.A.P.)

UÍSQUE E GELO NO GOL INIMIGO,
COMENTÁRIOS SOBRE OS PALMEIRENSES,
CRAQUES E DÓLARES, MACEDO NO JAPÃO E A VOLTA DE CARECA,
ROSAS VERMELHAS E VELAS. É A FESTA DO CAMPEÃO.

Madrugada. A cidade explode.

NO GALLERY OU NA ROSAS, O MESMO RITUAL PARA SAUDAR O TÍTULO MUNDIAL

As cenas do Gallery, um dos *privés* mais fechados da cidade, ou do Banana Café, uma discoteca dos Jardins, não eram nada diferentes das que se viam na avenida Paulista ou na Rosas de Ouro. Todos cantavam o hino do São Paulo, se entregando ao mesmo ritual de saudar o campeão do mundo, devidamente bêbados, como se vissem um momento que jamais se repetisse.

— Hoje o mundo pode até acabar — berrava um senhor calvo, jeito de executivo, na festa do Banana Café, erguendo uma garrafa de JB, como se repetisse o gesto de Raí com a Toyota Cup.

O time espanhol saiu na frente. Ficava mais fácil fazer a marcação pessoal sobre Raí, Müller, Palhinha, Cafu e os laterais. Marcação que reduzia ao mínimo as jogadas de ataque do São Paulo. Quando Stojichkov abriu a contagem em um contra-ataque, uma frente fria invadiu o Banana Café, criando um clima muito parecido ao de 4 julho de 82, no Estádio de Sarriá.

Primeiro gol...

Dali em diante, as jogadas do São Paulo eram acompanhadas por um desconfiado silêncio da torcida. Como Telê havia dito, na história dessa Copa quem sofreu o primeiro gol não conseguiu ser campeão. Todos esses sentimentos transbordaram no momento em que Raí se atirou contra a bola cruzada por Müller na velha jogada combinada e, mesmo marcado por Guardiolà, empatou o jogo. No fim do



Todos vestem a camisa

primeiro tempo outro princípio de pânico na torcida, mas Ronaldo Luiz impediu, sobre a risca, o segundo gol do Barcelona.

Mário Sérgio, campeão mundial pelo Grêmio, no fim do primeiro tempo ainda estava impressionado com o Barcelona, que, com apenas quatro atacantes, em passes rápidos conseguia envolver os seis jogadores da defesa são-paulina. Poy, que como técnico do São Paulo chegou a vice-campeão da Libertadores, também achava o Barcelona melhor, pois controlava o meio de campo e pedia a entrada de Válber no lugar de Cerezo, que ainda sentia a contusão. Mas, no final, ambos se rendiam ao preparo físico do time, que suportou até o fim a pressão dos espanhóis, já completamente exaustos.

— Não digo que o São Paulo tem o melhor time, mas o clube mais organizado de to-

dos os tempos. Na minha época havia craques, mas faltava dinheiro. Hoje, o jogador tem tudo e sua única obrigação é ganhar — testemunhava Poy, que em 20 anos de São Paulo só conseguiu ser campeão paulista quatro vezes.

Mas, já se pensava no futuro, enquanto Mário Sérgio avaliava o que estariam sentindo os jogadores do Palmeiras naquele momento, o conselheiro Carlos Zuanella já se conformava em ficar sem Raí, Cafu, Müller, Palhinha e Macedo (este, sendo negociado com o futebol japonês). Com parte dos dólares, o São Paulo pretende trazer Careca, de volta da Itália e promete manter alto o nível do time. Afinal, só o passe de Raí vale US\$ 10 milhões.

A rosa entre velas

Já no salão do nobre do Morumbi, onde compareceram poucos conselheiros, só houve descontração total quando Raí marcou pela segunda vez, conquistando o único troféu que faltava na galeria do clube. Antes disso, o *fair-play* de sempre, com o palavrão mastigado entre os dentes. Mas, em uma mesa junto aos banheiros, a lembrança da fé: Homero Belintani Filho acendeu cinco velas vermelhas para o pai, ex-presidente do Conselho Deliberativo, falecido há dois anos, para alcançar o milagre do título mundial.

Quando Raí fez o primeiro gol com a barriga, surgiu uma rosa entre as velas. Sérgio Backlanos



Na Paulista, atravessando a noite.

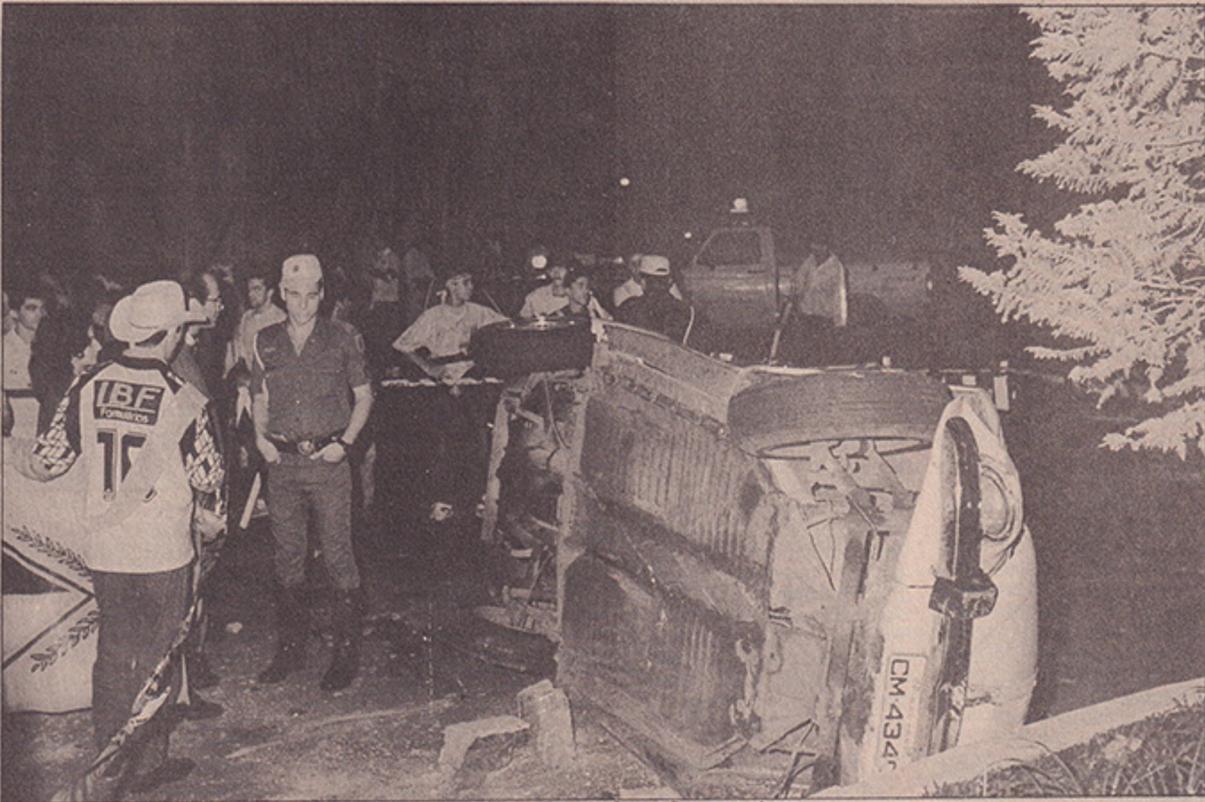
DECEPÇÃO: O CHOPE NÃO ERA DE GRAÇA.

A diretoria do São Paulo não ajudou. E a Independente teve de bancar a festa, na Rosas de Ouro, sozinha.

Quem quisesse comemorar com champanhe espumante Tim Tim teria de desembolsar Cr\$ 40 mil. Espantar a fome comendo pipoca doce cor-de-rosa saía por Cr\$ 5 mil. O direito de ficar assistindo ao telão desfocado custou Cr\$ 10 mil. Para aliviar as quatro horas em pé, cerveja — Cr\$ 15 mil a garrafa. Não havia uma gota dos prometidos três mil litros de chope. A diretoria do São Paulo não colaborou com um centavo para a festa de sua maior torcida na comemoração pelo título mundial: a Independente. Tudo tinha um preço na madrugada do domingo, na quadra da Escola de Samba Rosas de Ouro.

Incentivamos o time na chuva, no sol. Passamos frio no Morumbi contra times pequenos. Merecíamos uma ajuda ao menos para acompanhar de longe o São Paulo na sua partida mais importante. Mas nos negaram. O gerente de marketing, Marcelo Martinez, disse que o clube não tinha condições de alugar um telão. Não faz mal, pagamos do nosso bolso. Os verdadeiros são-paulinos somos nós que nos sacrificamos pela equipe e não os engomados do Banana Café — desabafava Nelson Martins, o Ferrão, presidente da Independente.

Ferrão apelou para o dinheiro em caixa vindo de camisetas e mensalidades da Independente e pagou US\$ 300 dólares pelo aluguel do telão e mais Cr\$ 4 milhões pela quadra. Cerca de 1.800 sócios da torcida — que tem registrado mais de 15 mil — repetiram o ritual de todo fim de semana. Em caravanas, eles chegavam como se fossem para um estádio. Na bilheteria deixaram Cr\$ 10 mil por cabeça e pronto: a Rosas de Ouro virava estádio Nacional de Tóquio. Logo na entrada, a decepção. Não passaram de boato os três mil litros de chope que a diretoria do São Paulo daria como incentivo para comemorar o título. Fomos discriminados por muito tempo. Acabamos acusados por tudo de violento que aconteceu entre as torcidas uniformiza-



O fusca, sem breque, atropelou são-paulinos. O motorista escapou de ser linchado. O carro ficou em pedaços.

PAULISTA

Os estilhaços da festa com 10 mil torcedores

Avenida Paulista, 2h45 da madrugada. Os quase 2 mil tricolores começam a gritar, dançar, chorar ou simplesmente descansar o corpo no asfalto. Torcedores de todos os cantos da cidade engrossam a multidão. Já são quase 10 mil uma hora depois que o argentino Juan Horst apitou o final do jogo em Tóquio. Os gritos se espalham, alguns já

pensam na decisão de domingo: "Cadê o Porco? Cadê o Porco?"

Na esquina da Paulista com a Peixoto Gomide, no início do trecho interditado, os carros andam vagarosamente. Alguns se deitam na pista, sobem e sacodem os carros. Começa o vale-tudo.

Um fusca não segura o breque e atropela três são-paulinos, Marco Antônio Goulart, Ricardo Picarelli e Jéferson Ramos Silva, que vão parar no Hospital das Clínicas. O motorista Marcelo Paschoal Ferreira, 18 anos, nem teve tempo de dizer para quem torcia. Escapa de ser linchado. É salvo por policiais e consegue es-

capar. Os tricolores campeões quebram todos os vidros e tombam o fusquinha, que fica ali até o dia clarear.

Manoel Ricardo Pires Bruno, enrolado na bandeira tricolor, abraçado aos filhos Ricardinho e Alexandra e à mulher corintiana Josefina, vai acompanhar a festa ao vivo. Os Bruno são sócios do Palmeiras. "Converso com aqueles velhos palmeirenses e eles falam que vão morrer sem ver o time ser novamente campeão", conta Josefina. "Dá dó, muita dó dos palmeirenses". Para Manoel, o Palmeiras já está merecendo

ganhar um título. Em 93.

"O Parreira que nos desculpe, mas o Telê merece dirigir a Sele-

ção. Não podemos desperdiçar a capacidade do melhor técnico do mundo", sugere Manoel. Um torcedor, de passagem, entra na conversa. "E agora eu pergunto: cadê o tal do Cruyff? Onde anda agora aquele prepotente e mascarado?"

Telê no céu, Cruyff no inferno. E Raí ganha um lugar na galeria dos maiores craques da história do clube.

Nelson Urt

▶▶▶

das. (Contabilize-se entre tantas brigas, as mortes de Rodrigo de Gasperi e Sérgio Vivaldini.) Por isso quis fazer uma comemoração só da Independente. Quem quisesse ver o telão de graça, que fosse para a avenida Paulista — recomendava, irritado, Ferrão.

Mocinhos X bandidos

Quando a partida começou, a quadra da Rosas de Ouro se transformou numa réplica dos cinemas dos anos vinte. Empolgados com o que viam, os torcedores liberavam as emoções. Diante de uma tela de três metros de altura por quatro de largura, eles transformaram a partida num filme de bandido e mocinho. Quando algum jogador espanhol era focalizado sobravam vaias, palavrões e até bolinha de papel. Aos são-paulinos, palmas e incentivos. O barulho era insuportável. Não era possível nem ouvir os berros ufanistas de Luciano do Valle, mesmo no último volume.

Silêncio de velório só na hora do gol do Barcelona. Foram os quinze minutos mais torturantes do ano. Até o empate, houve tensão, desespero e até lágrimas dos mais pessimistas. Ferrão até dava as costas para o telão. Quando Raí empurrou a bola de barriga para as redes, a comemoração foi de arquivancada, com direito até a rojão dentro do ginásio. O barulho recomeçou no segundo tempo e a certeza da vitória criou um clima contagiante a cada ataque brasileiro em Tóquio. Com o segundo gol, veio a certeza de que estava vencido o desafio: o título seria mesmo do São Paulo.

— Sou campeão do mundo. Dei muita força para o São Paulo chegar onde chegou — berrava, emocionado, Ferrão, que teve de suportar uma inesperada traição. Com a falta de bebidas grátis, não houve como evitar a debandada geral de torcedores que iam a pé fazer festa na Paulista. Apesar do título, nenhuma champanhe espumante Tim Tim Tim foi aberta.

Cosme Rimoli

Próximo passo: virar uma S/A.

CLUBE SÓ ESPERA AS MUDANÇAS NA LEGISLAÇÃO. E QUER FAZER INTERCÂMBIO COM O MILAN, DA ITÁLIA.

O São Paulo Futebol Clube pode virar São Paulo S/A. Se depender de seu presidente, José Eduardo Mesquita Pimenta, o projeto estaria pronto. Mas a profissionalização dos dirigentes de futebol depende de mudanças na lei. O



Mesquita Pimenta

São Paulo FC é uma sociedade civil, sem fins lucrativos. E com o título mundial, haverá um aumento de recursos no clube. O cachê para partidas no Exterior deve alcançar a marca dos US\$ 60 mil.

— Temos a possibilidade de transformar o São Paulo numa sociedade comercial. Não será fácil. Mas já somos um clube que se assemelha a uma empresa —, comenta Mesquita Pimenta. Mesmo com o orçamento de aproximadamente US\$ 7 milhões ao ano, o presidente garante que o São Paulo não dá prejuízo. O primeiro passo para inaugurar a política similar à adotada no Exterior é abrir um convênio com o Milan, da Itália. Nesse intercâmbio estaria previsto o estágio de jogadores juvenis e médicos. Mesquita Pimenta sonha mais alto: "O auxílio seria muito mais forte. Podemos imaginar o Gullit jogando aqui por uma temporada".

A receita para um funcionamento perfeito está, por enquanto, baseada no esforço pessoal dos diretores "amadores" do clube.

Segundo Pimenta, são pessoas que trabalham por amor ao time. O Departamento de Marketing está sob a responsabilidade de Marcelo Martinez. A força publicitária da equipe aumentou vertiginosamente.

O megalomania-São Paulo FC é uma sociedade civil, sem fins lucrativos. E com o título mundial, haverá um aumento de recursos no clube. O cachê para partidas no Exterior deve alcançar a marca dos US\$ 60 mil. O projeto de levantar um Shopping Center e um hotel em pleno estádio do Morumbi foi arquivado. Na moda estão as idéias mais modestas e de custo menor. O estádio vai ganhar no próximo ano o Museu do São Paulo. Nele estarão, por exemplo, documentos de outras épocas, objetos, taças. O estádio do Morumbi, encaixado numa área total de 154 mil metros quadrados, está avaliado em US\$ 550 milhões, aproximadamente.

Cartão postal

"Somos um cartão postal da cidade. Hoje em dia, recepcionamos visitantes e turistas para visitações em nosso estádio", comenta Martinez. Outro projeto ambicioso é o da edição de vídeos da equipe para comercialização.

O primeiro número mostrará a trajetória do São Paulo na conquista da Libertadores. Com o tempo serão feitos outros vídeos contando a história do clube e a conquista do título mundial.

Vinicius Mesquita

AVALANCHE NAS LOJAS

Sucesso da marca, retorno garantido.

O sucesso empresarial recebeu a resposta do varejo. O nome São Paulo nunca foi tão consumido, os patrocinadores estão entusiasmados, os vendedores se espantam com o volume de vendas e até o comércio exterior recebeu um empurrão. A avalanche de produtos com a marca São Paulo vem trazendo lucro certo.

Os japoneses já estão vendendo produtos com a marca do clube paulista. O presidente José Eduardo Mesquita Pimenta licenciou uma fábrica no Japão para fazer produtos de vestuário da equipe. O nome, não revela: "Senão os outros clubes podem correr atrás também", brinca.

Retorno rápido

A IBF, nome estampado na camisa do São Paulo a US\$ 100 mil/mês, comemora. O retorno institucional e publicitário neste ano foi muito maior do que imaginava Sérgio Alves, gerente de Marketing: "O São Paulo vende. Para cada dólar investido na equipe temos quatro de retorno". O bom ano do campeão do mundo colocou a marca entre as mais citadas na imprensa em 92: cinco horas de merchandising nas tevês e 150 páginas de jornal. "Estávamos esperando esse retorno para 94, mas apareceu um ano e meio depois do contrato com o São Paulo". O sucesso inesperado levou a empresa a uma pesquisa: há um ano, 5% dos paulistanos conheciam a marca IBF. Hoje, são 43%. Das pessoas que já ouviram falar da IBF, 71% a associam ao São Paulo.

Segundo Roberto Estéfano, diretor-presidente da Cambuci S.A., dona da marca Pênalty (fornecedora dos uniformes do time), o São Paulo é o time de futebol que mais vende hoje em dia. A empresa paga à equipe 5% de royalties



Os 'teens', consumindo.

das vendas dos produtos. Camisas, calções, meias e chuteiras são exportadas para a Itália, Inglaterra, Espanha, Venezuela, Chile, Uruguai e Argentina. "Quando um time de futebol vai bem, seus produtos vendem bem. Mas o São Paulo entrou

para o grupo de Corinthians, Flamengo e Vasco, que sempre contará com uma boa recepção dos compradores", diz Estéfano. A Pênalty dobrou suas vendas de produtos do campeão do mundo este mês.

Sucesso natural

Para Washington Olivetto, da W/Brasil, a promoção do marketing do São Paulo é automática: "Fazem futebol com espetáculo e renovação. É natural que, vencendo, conquiste mais torcedores e compradores. E este jogo do Japão teve características totalmente comerciais".

As lojas nunca venderam tanta quinquilharia com estampa do São Paulo como agora. É chaveiro, flâmula, bottom, distintivo e até relógio. Segundo Marcos Santos, vendedor da Bayard do Shopping Ibirapuera, "qualquer pedaço de madeira com o símbolo e as três cores do clube vende". "Em um mês, para duas remessas de camisas do Palmeiras esgotamos cinco do São Paulo. Meu filho de sete anos era santista: virou são-paulino".

A loja Esportista encomendou 600 camisas este mês. "Temos certeza de que vai vender tudo e muito rápido", diz o gerente Jorge Paiva. "A camisa do Corinthians vendia mais, hoje a do São Paulo é a campeã". Camisas para as crianças acabam mais rápido. Na Sport Spada da Teodoro Sampaio, existem camisas para adultos mas, para os "teens", acabou tudo.

V.M.



Rai marca o primeiro na final de Tóquio: garantia de sucesso do produto São Paulo.

TODO DIA, UMA TAÇA NOVA.

E o prazer, incomparável, de irritar corinthianos e palmeirenses.

"(...) eu sou São Paulo de coração eu sou de um time que é sempre campeão (...)"

Escrevo com o grito da galera no coração, nos ouvidos, na cabeça, nos bagos. Materialista, recuso a aceitar efeitos sem causa, não acredito em milagres, morro antes de confessar qualquer superstição. Daí, esse belo, enorme e cheiroso galho de arruda atrás da orelha esquerda. E o mesmo incenso infalível "Abre Caminho Completo", aceso com tanto êxito nas finais contra o Corinthians, no ano passado, e da Libertadores, quando Zetti pegou aquele pênalti salvador.

São Paulo FC, campeão do mundo.

Vamos com calma. Por fora a elegância, a boa educação, o "fair play" tricolor — pura mentira, só enganação, teatro para irritar corinthiano e palmeirense. Santista, não. Santista já teve a sua dose de glória que ainda vale por muitas e muitas gerações. Santista pode gastar o seu cacife de garganta até o mundo produzir outro Pelé.

Então, quanto mais você faz de conta que não está nem aí, mais os corinthianos e palmeirenses ficam p... da vida. E irritar corinthiano, palmeirense e malufista é o meu esporte predileto.

Por dentro, não. Por dentro, todo são-paulino, qualquer são-paulino é mais barulhento, mais festeiro e mais gozador do que qualquer torcedor de qualquer time. Por dentro, estamos soltando fogos de vista, só de vista, sem barulho, só de cores, três cores, vermelho-branco-preto, que além de não incomodar a vizinhança ainda fazem corinthianos e palmeirenses pensar que estão surdos.

Verdinho pela frente

Estamos gritando e cantando, comemorando, mas com recato, um pequeno congestionamento ali na Avenida Paulista, um enorme congestionamento no Gallery, porque isto já está ficando chato, é muita rotina, é todo dia uma taça nova, um caneco cada vez maior. E qual a novidade ganhar do Barça? Já enfiamos neles de 4 um dia destes, lá na terra deles, ora.

O negócio, por enquanto, é manter o contrato do "Father of the Saint" (Pai de Santo é coisa de corinthiano) da nossa confiança e na sexta-feira antes do dia 20 repetir o trabalho: peru, Veuve Cliquot e candelabros (porque galinha, marafio e vela também é coisa de corinthiano), que ainda temos o verdinho pela frente.

Verdinho, sim, porque todo mundo sabe que o verdão é o



Um time de craques como Müller (acima, disputando com o holandês Witschge, do Barcelona), com o melhor técnico do mundo, organizado como o São Paulo, eu entregaria para um empresário. Não um simples empresário, um milionário qualquer. Eu entregaria para um empresário do "show business", um verdadeiro especialista em "showbiz". "Vender" um elenco de deuses como é o São Paulo é a maior moleza.

Guarani, que deu uma canseira na gente, na disputa de um Campeonato Brasileiro, quando ainda tinhamos no time o Careca, o verdadeiro.

É bom o verdinho saber que no primeiro jogo daquela final contra o Corinthians, eu acendi o "Abre caminho completo" e o Rai marcou 3. No sábado, dia 5, acendi de novo, e o Rai fez o quê? O que mesmo? Enfiou 3. E o perfume resvalou no Cafu. Alguém palmeirense viu o Cafu? Alguém viu aquele pique de 50 metros rasos, aos 48 minutos do segundo tempo, que virou o pênalti do quarto gol, alguém viu? Nem o Carl Lewis, meu, nem o Carl Lewis.

São Paulo FC Campeão do Mundo.

Não ganhamos nada ainda. Precisamos matar o verdinho dia 20. Ai sim, vocês vão ver. Vocês vão ver são-paulino passar perto de corinthiano e palmeirense, são-paulino campeão da Libertadores, campeão do mundo e bicampeão paulista e fingir que nem teve jogo ontem. A gente vai desconversar, vai gozar o topete do Itamar, o bigodinho do Tonim Cerezo do mineirim Paulim Haddad, e vai vender palmeirense e corinthiano enchendo, se enchendo até explodir — essa a nossa comemoração, es-

se nosso barulho.

E para esse "Dream Team" ganhar o mundo, faturar alto, ser um Milan ao sul do Equador, precisamos só de duas coisas — uma muito complicada e outra muito simples.

Dream Team

A muito complicada beneficiaria não só ao São Paulo, mas a todos os times que cultivam o futebol arte, a alegria da jogada bem desenhada, o time atacante leva 2 mas faz 4, o time que chora de tristeza quando a galera silencia, a massa que foi mal acostumada com Pelé, Canhoto, Garrincha, Cafu. É pôr ordem no galinheiro, ter um calendário decente, que seja compatível com o calendário dos mercados compradores.

Veja o São Paulo. Jogou quatro vezes por semana no Brasil, que é um continente, fez excursões intercontinentais à Europa, dois gaguejos, duas taças e Japão. Parece que querem destruir o time e não respeitá-lo, preservá-lo.

No meio disso, os joguinhos da Seleção Brasileira — que são importantes para os jogadores, são uma vitrine para eles e para sua valorização profissional. Todo mundo já falou e escreveu isso, só

estou repetindo: nossos campeonatos regionais são idiotas, não têm data definida, arruinam os times e não são compatíveis com as datas livres para excursões no Primeiro Mundo.

Todo mundo conhece o problema, parece até repetição do horário político gratuito na televisão. Mas a solução é complicada: precisamos nos livrar dos cartolas porque eles é que fazem a coisa torta como ela é.

Organização pioneira

Precisamos esperar morrer a geração Vicente Matheus, que por mais divertida que seja, folclórica, piadista, quase arruinou nosso futebol. O São Paulo é pioneiro em organização. O verdinho vai tentando — e pode acertar — com sua nova estrutura.

Como disse, é complicado. Se eu não fosse um democrata, baixaria Medida Provisória proibindo cartola de ser cartola e entregaria os times para quem? Para quem mesmo?

Um time de craques, com o melhor técnico do mundo, organizado como o São Paulo, eu entregaria para um empresário.

Não um simples empresário de empresa mesmo, que esses já cartolam no São Paulo com a maior dignidade. Nem para um milionário qualquer, tipo Juan Figer, que se alimenta do caos.

Eu entregaria para um empresário do "show business". Só um especialista em "showbiz" pode reconhecer naquele voo que o Cafu deu, para ir buscar de cabeça na linha de fundo a bola perdida que virou o segundo gol do São Paulo nos 4 a 2 contra o Palmeiras, dimensões nunca sonhadas nem pelo Bujones e só resvaladas pelo Nureyev.

Só um profissional do "showbiz" reconhece no voleio que Rai deu nesse mesmo gol o mais alegre passo do balé Beriozka que encanta o mundo há gerações. É preciso amar o espetáculo para perceber que Telé é um Diaghilev que encontrou apenas um Nijinski, mas uns 18 ou 20, não esquecendo aí as esculturas de músculos que são Vitor e Ronaldão. Essa é a coisa simples.

Depois que um empresário arrancou dez milhões de dólares para Michael Douglas se esfregar peladão na Sharon Stone e mostrar sua bunda mole em "Basic Instincts", "vender" um elenco de deuses como é o São Paulo é a maior moleza. Mas antes, como já disse, precisa organizar os bastidores. E é aí que o meu entusiasmo quase esfria. Quase.

Neil Ferreira, publicitário.

Principais atividades do Departamento de Marketing do São Paulo



- 1*) Homenagens permanentes a ídolos do passado durante partidas.
- 2*) Locação de cadeiras cativas.
- 3*) Venda de títulos sociais.
- 4*) Comercialização de anúncios em órgãos oficiais.
- 5*) Recepção a visitantes e turistas para passeio nas dependências do SPFC.
- 6*) Preparação de materiais promocionais para viagens internacionais.
- 7*) Divulgação e contato com a imprensa.
- 8*) Contrato para a realização de Show "Hollywood Rock" no Estádio - dias 15, 16 e 17 de janeiro.
- 9*) Apoio a eventos esportivos e sociais.
- 10*) Vários contratos credenciando empresas para a fabricação de produtos utilizando a marca SPFC, mediante pagamento de royalties.
- 11*) Preparação do vídeo São Paulo Campeão da Libertadores da América.
- 12*) Realização de convênio com a empresa Super Don pela montagem de uma associação — São Paulo Fã Clube — a qual fará divulgação e cobertura de assuntos relacionados ao clube no Japão.

UMA FÁBRICA, REPONDO PEÇAS.

O São Paulo não tem problemas para formar e exportar talentos, renovando a equipe sem deixar de conquistar títulos.

A conquista do título mundial interclubes pelo São Paulo já está provocando algumas consequências na composição do time. A própria diretoria do clube admite a impossibilidade de conter o assédio de empresários internacionais e clubes do Exterior aos seus principais jogadores, o que vem ocorrendo, aliás, desde junho, quando a equipe foi campeã da Taça Libertadores. Mas a saída iminente de craques como Rai e Müller, por exemplo — que para qualquer clube poderia significar terríveis baixas e preocupações para o futuro — não chega a afligir tanto o atual campeão do mundo:

— Confiamos em nossa capacidade de reposição de peças — diz orgulhoso Sérgio José Bragança, diretor de futebol amador.

Para Bragança, a renovação é consequência natural do tipo de trabalho desenvolvido pelo clube:

— Tem sido assim nos últimos anos. Muitos talentos foram e continuarão sendo produzidos aqui mesmo.

A verdade é que o São Paulo negociou para o Exterior nos últimos anos o passe de vários jogadores do nível de Careca, Silas, Ricardo Rocha, Antônio Carlos, Bernardo e Ivan, além do próprio Müller, contratado depois, sem que se deixasse de reforçar imediatamente a equipe. A tal ponto que o time do São Paulo prosseguiu conquistando títulos dentro e fora do País e há um ano serve de base para a Seleção Brasileira.

A estrutura que nós temos à disposição aqui no departamento amador há alguns anos faz a diferença em relação aos outros clubes, compara Márcio Araújo, ex-jogador do próprio São Paulo e técnico das equipes de juniores e aspirantes.

CONFIAMOS EM NOSSA REPOSIÇÃO DE PEÇAS. MUITOS TALENTOS FORAM E CONTINUARÃO SENDO PRODUZIDOS AQUI MESMO.

(Sérgio Bragança)

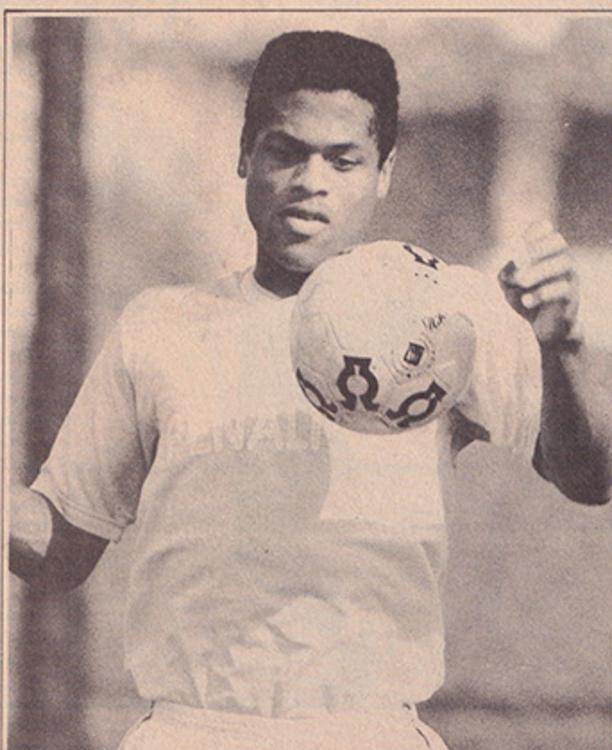
Essa eficiente fábrica tricolor de talentos tem permitido o aproveitamento de vários jogadores por temporada pela equipe titular. Mesmo aqueles que não permanecem no Morumbi acabam tendo o passe transferido para outras equipes, amortizando o preço do passe de reforços. Daí que o São Paulo do futuro já vem sendo preparado, como ocorreu com o do presente. Nada menos do que 80% do elenco que trabalhou nesta temporada vitoriosa com o técnico Telé Santana foram forjados nas categorias de base do São Paulo.

Mas além do aproveitamento de novos valores — o caso do lateral-direito Vitor é clássico, ao ganhar a posição no meio do campeonato, ainda com idade de júnior, e até já ter sido convocado para a seleção brasileira principal —, Telé faz questão de que todos os times amadores do clube joguem com a mesma configuração tática da equipe de cima. E Márcio Araújo, desde março, quando foi contratado para substituir o renitente ex-zagueiro Oscar, trata de seguir à risca as ordens do "Mestre" com os seus 40 garotos. Este é outro dos segredos são-paulinos:

— Quando um garoto é promovido, quase não estranha a forma de jogar dos outros e já sabe o que dele se espera.

O mesmo é pedido aos técnicos Murici e aos 70 dentes-de-leite (nascidos em 1979 e 80); a Nelsinho e aos 25 garotos do infantil (nascidos em 1978); e a Gilberto "Sorriso" e seus 40 juniores (nascidos em 1976 e 77).

Arthur de Almeida



Ronaldo, segurança contra os perigos do Barça.



Müller desequilibrou a defesa do Barça

OS CAMPEÕES DO MUNDO

Desde a Libertadores, poucas mudanças.

Alguns jogadores campeões da Libertadores acabaram deixando o São Paulo antes da disputa do título mundial, como os zagueiros Antônio Carlos e Ivan, ou o goleiro reserva Alexandre, morto tragicamente em um acidente na Castelo Branco. Outros, que também colaboraram naquela conquista, estão de fora há algum tempo, como os atacantes Macedo e Elivelton. Há ainda os que chegaram depois, mas que são considerados quase titulares, como Válber. Aqui, os 16 principais responsáveis pela conquista de Tóquio.

Telé Santana — Aos 60 anos, o técnico do São Paulo ao mesmo tempo em que resgata a unanimidade nacional sobre o seu trabalho, alcança uma de suas ambições profissionais: o título de campeão mundial. Dirigiu a Seleção nas Copas de 1982 (Espanha) e 1986 (México) onde o Brasil não chegou à final. Foi o quarto título importante que conquistou em pouco mais de dois anos pelo São Paulo, ainda na expectativa de colocar outra faixa no peito — a de bicampeão paulista. Recentemente, a revista inglesa *World Soccer* apontou Telé como o quarto melhor treinador do mundo.

Moraci Sant'Anna — O preparador físico chegou ao clube em outubro de 1990, junto com Telé, com quem forma ao lado do preparador de goleiros Valdir de Moraes uma das Comissões Técnicas mais respeitáveis do País. Moraci esteve em três Copas do Mundo (1982 e 86, com o Brasil, e na de 90, pelos Emirados Árabes). Estudioso dos métodos científicos da preparação física, utiliza recursos modernos da informática e outros equipamentos. É o responsável pelo planejamento desta temporada.

Zetti (Armelino Donizete Quagliato) — goleiro, 27 anos, 1m88 de altura, 92 quilos, chuteira 44. Natural de Capivari (SP), foi contratado pelo São Paulo em 1990, depois de ficar marginalizado no Palmeiras. Foi revelado no Guarani e jogou no Toledo e Londrina. É titular desde o segundo semestre de 1990. Ficou fora apenas de três partidas da Libertadores. Na final desta competição, defendeu um pênalti cobrado pelo líbero argentino Gamboa, e garantiu título. Tem quatro convocações para a Seleção.

Vitor (Claudemir Vitor) — lateral-direito, 20 anos, 1m75 de altura, 75 quilos, chuteira 39. Nasceu em Mogi-Guaçu e foi lançado no time principal do São Paulo durante o Campeonato Paulista. Seu futebol mescla a força com a técnica. Apóia bem e sabe cruzar da linha de fundo. Parreira o convocou pela primeira vez para o amistoso contra o Uruguai, em Campina Grande.

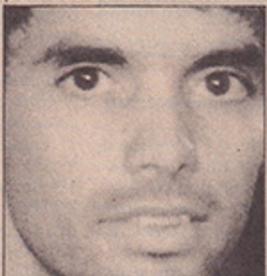
Cafu (Marcos Evangelista de Moraes) — lateral e meia, 22



Zetti — O goleiro chegou ao clube em 1990, depois de ficar marginalizado no Palmeiras. Ficou de fora em três partidas da Libertadores.



Cerezo — Mais um título de meia e volante de 37 anos. Em 91, o *scudetto*, na Itália, jogando pela Sampdoria. Agora, o Mundial de Clubes.



Palhinha — O atacante foi descoberto por Telé Santana na América de Minas. Uma revelação da temporada, artilheiro na Libertadores.



Cafu — Versátil apóia e defende bem, tem como características velocidade e resistência física. Joga também no meio-campo e como atacante.

anos, 1m76, 73 quilos, chuteira 41. Nasceu em São Paulo (SP) e iniciou a carreira no próprio clube. Participou de todas as 14 partidas da Libertadores e da decisão do Mundial. Suas maiores virtudes são a versatilidade para apoiar e defender, a velocidade e a resistência física. Joga como lateral, meio-de-campo e atacante, sem estranhar posição.

Válber (Válber Roel de Oliveira) — zagueiro, 25 anos, 1m78, 77 quilos, chuteira 40, foi contratado ao Botafogo. Seu passe está alugado e pertence ao empresário Jairzinho, ex-jogador da Copa de 70. Nascido no Rio, revelou-se um zagueiro técnico e com visão de jogo. Rapidamente firmou-se como titular durante o Campeonato Paulista. Foi chamado seis vezes para a Seleção.

Raça e vigor

Ronaldo (Ronaldo Rodriguez de Jesus) — quarto zagueiro, 26 anos, 1m87, 89 quilos, chuteira 43. Nascido na Capital (SP), o jogador não chega a ser uma unanimidade entre os torcedores, embora esteja no Morumbi desde 1985. Telé o utilizou em todos os 15 jogos (Libertadores e em Tóquio) e tem sido também regularmente chamado para a Seleção, com sete convocações. É um zagueiro limitado, que busca compensar suas deficiências com raça e vigor físico. Fez um gol na Libertadores.

Adilson (Adilson José Pinto)

— zagueiro, 27 anos, 1m78m, 78 quilos, chuteira 41. Nasceu em Cruzeiro (SP). Tem sido aproveitado por Telé Santana fora de sua posição, revelando versatilidade. Em inúmeras partidas, incluindo a final da Libertadores, jogou de volante e não comprometeu, dando proteção ao zagueiros.

Pintado (Luís Carlos de Oliveira Preto) — médio-volante, 27 anos, 1m79, 75 quilos, chuteira 40. Natural de Bragança Paulista, destacou-se no Bragantino, onde jogou por quatro anos, emprestado. Pintado atuou em todos os jogos da Libertadores. É um destruidor de jogadas, marcador forte e decidido.

Cerezo (Antônio Carlos Cerezo) — meia-direita, 37 anos, 1m83, 76 quilos, chuteira 41. Começou a carreira no Atlético Mineiro e foi o toque de experiência que o São Paulo contratou para a decisão do Mundial Interclubes, contra o Barcelona. O jogador mais velho do elenco alugou o seu passe ao São Paulo depois de disputar nove temporadas no Campeonato Italiano. Conquistou o *scudetto* pela Sampdoria em 1991 e participou da Copa do Mundo de 1982, na Espanha.

Rai (Rai Souza Vieira de Oliveira) — meia-esquerda, 27 anos, 1m88, 88 quilos, chuteira 42. Nascido em Ribeirão Preto, é a maior expressão do São Paulo, além de ser o melhor jogador em atividade no País. Capitão do time e da Seleção Brasileira, habi-

tuou-se a erguer os troféus das conquistas do São Paulo. "Acho que entrei para a História", chegou a comentar depois de sagrar-se campeão da Libertadores, competição em que marcou três gols. Rai, de fato, entrou para a História do São Paulo como comandante da campanha do título mundial de 1992. Iniciou a carreira no Botafogo de Ribeirão Preto e defendeu a Ponte Preta.

Atacante completo

Müller (Luís Antônio Corrêa da Costa) — atacante, 26 anos, 1m78m, 77 quilos, chuteira 42. Nasceu em Campo Grande (MS), foi revelado no próprio São Paulo em 1985 e esteve presente nas principais conquistas de títulos brasileiros e regionais desde então. Teve o passe vendido ao Torino, da Itália. Retornou no ano passado e readaptou-se ao futebol brasileiro. Recuperou a velocidade, uma de suas características, e é um dos atacantes brasileiros mais completos com participações em duas Copas do Mundo (México, em 86, e Itália, em 90). No total, recebeu 44 convocações da CBF. Pela Libertadores, jogou em oito partidas e fez dois gols.

Palhinha (José Ferreira da Silva) — atacante, completa 25 anos hoje, tem 1m71, pesa 63 quilos, calça chuteiras 38. Mineiro de Carangola, foi uma descoberta de Telé Santana na América de Minas. Palhinha é uma das revelações do futebol brasileiro desta temporada. Ganhou a camisa de titular do São Paulo graças a um futebol inteligente, habilidade e facilidade para marcar gols. Foi o artilheiro da Libertadores com sete gols. Tem quatro convocações para a Seleção.

Elivelton (Elivelton Alves Rufino) — ponta-esquerda, 21 anos, 1m71, 69 quilos, chuteira 39. Nascido em Serrania (MG), é um jogador que dribla em velocidade. Em 1991, quando foi lançado, empolgou por seu futebol moderno. A primeira convocação para a Seleção Brasileira, contudo, parece não lhe ter feito bem. Jamais recuperou o empolgante futebol do início. Fez dois gols na campanha da Libertadores e foi convocado seis vezes para a Seleção.

Ronaldo Luís (Ronaldo Luís Gonçalves) — lateral-esquerdo, 25 anos, 1m77, 67 quilos, chuteira 39. Mineiro de Belo Horizonte. Jogou três partidas pela Libertadores. Mas, com a saída de Ivan para o futebol espanhol, tornou-se o titular da posição. Saiu do América de Minas.

Dinho (Edi Wilson José dos Santos) — médio-volante, 26 anos, 1m77, 74 quilos, chuteira 39. Natural de Neópolis (SE), foi contratado ao Sport Recife após a conquista da Libertadores. Está na reserva.

Arthur de Almeida

ESTRUTURA PROFISSIONAL DE BASE.

Para revelar talentos

Quatro treinadores herdaram a estrutura do departamento montado à época do técnico Cilinho e aprimorada a cada ano. "Nosso objetivo não é preferencialmente conquistar títulos, mas revelar talentos", explica Márcio Araújo. "Mas é claro que ninguém reclama quando se consegue as duas coisas, como aconteceu com o infantil, campeão estadual de 92."

Para a eficiência da revelação dos craques são-paulinos do futuro, o clube mantém, além dos quatro treinadores das equipes menores, dois preparadores físicos, (professores Luis e Sérgio Rocha), dois médicos (doutores Auro de Freitas e José Sanches), três massagistas, quatro roupeiros, a nutricionista Patrícia que também trabalha a dieta alimentar dos atletas profissionais, mais quatro funcionários da administração e quatro diretores.

Os juniores do São Paulo ganharam os alojamentos do segundo andar do Morumbi (os que eram utilizados pelos profissionais antes da construção do CT). São 12 quartos com duas camas e um armário por cômodo. Os juvenis dispõem de cinco quartos amplos com dez camas em cada um. Além de uma sala com TV e vídeo-cassete, mais o refeitório. O clube exige de seus garotos que estudem após o jantar e destaca uma perua para levá-los à escola e trazê-los à noite de volta à concentração.

A maioria dos 175 meninos que treinam no São Paulo ingressou no clube pelas tradicionais "peneiras" ou por indicações de uma rede de informantes espalhadas pelo País. Há duas semanas, para se ter uma idéia, a equipe de juniores do São Paulo fez um amistoso em Estrela D'Oeste, distante cerca de 610 quilômetros da Capital. "Aproveitamos nossa ida até lá e fizemos uma peneira com garotos nascidos entre 72 e 79", lembra Márcio Araújo. Compareceram cerca de 300 candidatos, distribuídos em 28 times. "Selecionamos 20 para testes aqui em São Paulo, dos quais quatro seguramente serão inscritos por suas qualidades", explica o ex-jogador.

A.A.

Vaga para David QUE IRRITA MARCADORES

Nem todos vêm de tão longe. Mas o processo de seleção foi o mesmo para Vitor, Cafu, Elivelton, Catê, Erinaldo, Eliel, Gilmar, Sidnei, Maurício, que não ultrapassam os 23 anos, alguns titulares. Na linha de montagem, os volantes Mona e Pereira (este, campeão sul-americano de juniores), os zagueiros Sérgio Baresi e Nélson, o ponta-esquerda Toninho (irmão do ex-ponta Sidney), o atacante Andrei (artilheiro do time na última Taça São Paulo) e o meia David, de apenas 17 anos.

David tem lugar certo no São Paulo do futuro. Negro, 1m70, 64 quilos, juvenil — nasceu em São Bernardo do Campo em 22 de março de 75 — mas atuando na equipe de juniores por seu potencial técnico. "Sua principal característica é o raciocínio rápido, uma qualidade rara. Antevê as jogadas", observa seu treinador. Apurou os passes de primeira e tem deixado irritados marcadores famosos, Pintado ou Cerezo, nos coletivos contra o time principal.

Desde 87 no São Paulo, David Alves Ferreira mora no alojamento do Morumbi, mas ajuda os pais na construção de sua casa na periferia de São Bernardo. No clube, chama a atenção a sua preocupação com os familiares. "Está ajudando a levantar a casa com as próprias mãos, carregando tijolos, comprando cimento e outros materiais", revela Márcio Araújo. "É sinal de que tem índole e força de vontade."

V.V.

Johann Cruyff conheceu Telê Santana. O técnico holandês acreditou que o futebol de toques rápidos e precisos do Barcelona seriam suficientes para conquistar o título mundial. Errou. O São Paulo soube esperar, não caiu na tentação. E foi resolver o jogo usando a técnica do jogador brasileiro e a eficiência que só os times bem treinados conseguem ter. Cruyff chorou. Telê superou uma antiga mágoa. O São Paulo venceu por 2 a 1 e saiu de Tóquio como campeão do mundo.

Foi o próprio Cruyff quem sintetizou o jogo, em meio aos lamentos depois da derrota: "O São Paulo se mostrou capaz de impor seu estilo e seu ritmo, algo em que fracassamos. Perdemos para uma equipe melhor".

O início, porém, foi ameaçador para os brasileiros. O confronto entre as duas escolas mais tradicionais do futebol internacional começou com uma nítida vantagem dos europeus. Foram dez minutos de nobreza. Os espanhóis tomaram conta do campo dos brasileiros e foram trocar bolas. O jogo girou tanto que o time de Telê perdeu o rumo. O gol de Stoitchkov confirmou o domínio.

Situação difícil

A situação do São Paulo, depois do gol, ficou difícil. Até que apareceu Müller, que jogava como uma presa fácil do caçador Ferrer. A bola veio alta, caiu nos pés de Müller. Ferrer achou que poderia barrar o brasileiro. De repente, Müller girou o corpo e o espanhol perdeu a noção de onde estava. O drible saiu seco, o cruzamento encontrou Rai para empatar. O gol, ao estilo dos futebolistas do Brasil, causou mal-estar irremediável entre os espanhóis.

Apesar do susto, o Barcelona foi à frente. Begistarain entrou driblando todo mundo, até Zetti, e chutou para marcar o gol que colocaria seu time em vantagem no fim do primeiro tempo. Ronaldo Luis salvou na risca. Os jogadores desceram para o intervalo e até o presidente do São Paulo cumprimentou Ronaldo Luis.

No segundo tempo, Telê recuou um pouco o capitão Rai e passou a obstruir os toques rápidos do Barça. A turma de Cruyff ficou sem saber o que fazer e quase não perturbou mais o goleiro

O SÃO PAULO SE MOSTROU CAPAZ DE IMPOR SEU ESTILO E SEU RITMO, ALGO EM QUE FRACASSAMOS. PERDEMOS PARA UMA EQUIPE MELHOR.

(Johann Cruyff)

A VITÓRIA DE UM ESTILO

O SÃO PAULO, ABUSANDO DA TÉCNICA BRASILEIRA, SOUBE VIRAR O JOGO CONTRA O BARÇA.



Rai lutando contra Koeman, num dos bons momentos da decisão de Tóquio.

Zetti. Quando Stoitchkov pensou em atormentar a vida dos brasileiros, recebeu em troca uma entrada dura do zagueiro Ronaldo e praticamente sumiu em campo.

O São Paulo passou a atacar mais pela direita com Vitor, Cafu e Rai sobre Witschge, um meia-armador fantasiado de lateral. O caminho era aquele. Koeman e Guardiolola foram socorrer Witschge e se descuidaram de Palhinha. O meio-campista só era contido quando sofria faltas. Numas delas, Rai aplicou uma jogada ensaiada por Telê e definiu: 2 a 1.

O Estádio Nacional de Tóquio pela primeira vez na sua história de 28 anos foi invadido por uma multidão. A torcida do São Paulo desceu das arquibancadas para abraçar seu time. Os seguranças japoneses ficaram assustados e tentaram conter o povo. Não tinha mais jeito. Rai, Zetti, Cerezo... o time inteiro já corria com a taça na mão completando a tradicional volta olímpica.

No banco de reservas do Barcelona, Cruyff chorava. Do outro lado, Telê tentava fugir da multidão. Alguém, sem querer, atingiu o supercílio do técnico brasileiro e logo se formou um pequeno hematoma roxo. Telê não ficou nervoso, nem poderia. Depois de dez anos, desde a decepção de Sarriá na Copa do Mundo de 82, abraçava um título mundial.

Luiz Antônio Prósperi, enviado especial.

FICHA TÉCNICA

São Paulo: Zetti (4), Vitor (5), Adilson (5), Ronaldo (7), Ronaldo Luis (7); Pinto (5), Cerezo (6/Dinho, s/n) e Rai (8); Cafu (7), Müller (8) e Palhinha (7). Técnico: Telê Santana (7).
Barcelona: Zubizarreta (6), Ferrer (5), Koeman (6) e Witschge (6); Guardiolola (7), Bakero (4/Golicochea, 4), Amor (4) e Euzébio (5); Begistarain (5/Naldol, s/n), Laudrup (7) e Stoitchkov (6). Técnico: Johann Cruyff (5).
Barcelona 1 a 0, aos 11 minutos do primeiro tempo, Stoitchkov da entrada da área toca por cobertura sobre Zetti.
São Paulo 1 a 1, aos 27, Müller dribla Ferrer e Rai desvia para o gol.
São Paulo 2 a 1, aos 34 do segundo, Rai bate falta na entrada da área e marca.
Juiz: Juan Carlos Loustou (Argentina), boa atuação.
Cartões amarelos: Ronaldo, Begistarain, Cerezo, Ferrer e Golicochea.
Local: Estádio Nacional de Tóquio, ontem.

Müller, pesadelo do Barça.

No Brasil todo mundo sabe que o São Paulo costuma correr atrás dos gols primeiro através de Müller. É só o time ter a posse de bola e o passe sai longo para Müller arrancar pela esquerda. No Brasil também se costuma dizer que o atacante não funciona em decisões, ou porque foge das jogadas divididas ou por falta de estrutura psicológica mesmo — como já aconteceu inclusive em partidas pela Seleção. Algum espião avisou o técnico holandês Johann Cruyff sobre esses detalhes.

O técnico tentou anular a arma colocando Ferrer no calcanhar de Müller. Não deu certo. O brasileiro, na única chance que teve, desmoralizou o marcador com um drible seco e deu a bola para Rai empatar. Esse lance começou a matar o Barcelona.

"Quando recebi a bola, estava de costas para o gol e não tinha outra saída: ou encostava para o Ronaldo Luis,



Müller, depois de 'matar' o Barça.

entortado e ficou torto até o fim do jogo.

"Falaram que ele é o melhor da posição na Espanha. Dos zagueiros que enfrentei, acho que os italianos marcam bem melhor. São mais duros e não desquidam um minuto da gente", garante Müller, que já passou pelo futebol italiano defendendo o Torino e está prestes a acertar mais uma transferência para a Espanha.

Cruyff disse que o primeiro gol do São Paulo, que teve participação decisiva de Müller, representa o que o futebol do Brasil tem de melhor. "Nós estávamos bem no jogo até então, trocando bola na intermediária, até sofrermos o gol de empate. Foi uma obra da característica do jogador brasileiro, que continua jogando com muita técnica." Rai, autor do gol na sequência da jogada, afirmou que depois de driblar Ferrer, Müller cruzou com perfeição e "de qualquer jeito que tocasse a bola, entraria". L.A.P.

que vinha pela esquerda, ou tentava o drible", disse Müller, que optou pelo drible. O raciocínio rápido foi perfeito.

Por essa, Cruyff também não esperava. Ferrer foi escalado única e exclusivamente para marcar o atacante brasileiro porque é considerado na Espanha o melhor marcador do país. O espanhol bem que tentou. Até uns 25 minutos levava vantagem, depois foi



Passe um Reveillon inesquecível.

Miami, Disney e Reveillon com grande ceia.

Plantão de informações em São Paulo: De 2ª a 6ª das 08:00 às 20:00 h. Sábados e domingos: das 10:00 às 16:00 h.

E esqueça o pagamento até 93.

Preços por pessoa: Parte Terrestre: US\$ 1484,00* ou entrada de US\$ 296,00 e o saldo em 10 parcelas de US\$ 129,00 pelo American Express Card. Parte Aérea: Consulte nossas tarifas especiais. Saída 27/12 Seu crédito está aberto para você fechar o ano em grande estilo. Você vai a Miami, por 2 noites. Depois segue para Orlando onde viverá 8 dias de sonho: Epcot

Center, Sea World, Disney, Busch Gardens, Universal Studios e uma inesquecível ceia, no Stouffer Resort. Com aquelas super-produções que só eles sabem fazer. Tudo isso e mais traslados, ingressos para os parques e o acompanhamento da Equipe Stella Barros. E você só começa a pagar no ano que vem, com o American Express.

STELLA BARROS
851-0500

*Preços baseados em apto quadruplo/hotéis luxo VARIG American Express Cards

Mar à vista.

Vão partir os Cruzeiros Stella Barros



Plantão de informações: De 2ª a 6ª das 08:00 às 20:00 h. Sábados e domingos: das 10:00 às 16:00 h.



Nos navios Costa Marina, o palácio envidraçado flutuante, ainda em suas primeiras viagens ao Brasil e no Eugênio C, um clássico dos mares.

Cruzeiros para o Caribe, Costa Brasileira, Argentina, Uruguai, Terra do Fogo e Itália.

Roteiros para Natal, Reveillon e Carnaval.

Saídas a partir de 15/11/92 até 09/03/93.

Preços a partir de US\$ 970,00* ou US\$ 1.140,00** por pessoa.

*Em cabine dupla - Navio Costa Marina, Cruzeiro Prata I. **Em cabine dupla - Navio Eugênio C, Cruzeiro Arrivedera.

STELLA BARROS
851-0500

Pagamento: em até 10 parcelas com o American Express Card.

Utilize o **LINEA C** Cards

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ